



**MULHERES RURAIS E EMPODERAMENTO FEMININO: VIVÊNCIAS DE  
ESTÁGIO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES**

**MUJER RURAL Y EMPODERAMIENTO FEMENINO: EXPERIENCIAS DE  
PRÁCTICAS EN ESPACIOS NO ESCOLARES**

**RURAL WOMEN AND FEMALE EMPOWERMENT: INTERNSHIP EXPERIENCES IN  
NON-SCHOOL SPACES**



Islla Rayane Bonfim SANTOS<sup>1</sup>  
e-mail: souzaislla@gmail.com



Pedro Paulo Souza RIOS<sup>2</sup>  
e-mail: peudesouza@yahoo.com.br

**Como referenciar este artigo:**

SANTOS, Islla Rayane Bonfim; RIOS, Pedro Paulo Souza. Mulheres rurais e empoderamento feminino: Vivências de Estágio em Espaços não Escolares. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023013, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18177>



| Submetido em: 15/02/2023  
| Revisões requeridas em: 22/04/2023  
| Aprovado em: 11/06/2023  
| Publicado em: 01/08/2023

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Senhor do Bonfim – BA – Brasil. Discente do curso de Pedagogia.  
<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Senhor do Bonfim – BA – Brasil. Professor substituto. Pós-Doutorado em Educação (UFS).

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo refletir a importância do empoderamento feminino para a potencialização e o fortalecimento, sobretudo, individual, social e econômico das mulheres. Nessa perspectiva, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter qualitativo com a utilização das narrativas autobiográficas, a partir das atividades desenvolvidas no estágio em espaços não escolares. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação e o diário de bordo. Sendo assim, a pesquisa foi realizada no perímetro rural do município de Campo Formoso - Bahia. E, no tocante às colaboradoras da pesquisa, foram um grupo de mulheres que residem em Limoeiro. Para o aprofundamento teórico, busquei fundamentação nos/as seguintes autores/as: Minayo (2004), Souza (2006), Davis (2016), Gohn (2007, 2010), Hooks (2018), Tiburi (2018), Louro (1997), Pimenta e Lima (2004) dentre outros/as. O estudo sinalizou que as discussões acerca dessa temática precisam permear todos os espaços e cenários possíveis, uma vez que se tratam de questões que envolvem o bem-estar e a qualidade de vida, sobretudo, das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empoderamento feminino. Ruralidades feministas. Equidade de gênero.

**RESUMEN:** Este estudio pretende reflejar la importancia del empoderamiento femenino para el empoderamiento y fortalecimiento, sobre todo, individual, social y económico de la mujer. En esta perspectiva, se desarrolló una investigación cualitativa con el uso de narrativas autobiográficas, a partir de las actividades desarrolladas en el internado en espacios no escolares. Para la recolección de datos se utilizaron los siguientes instrumentos: la observación y la bitácora. Por lo tanto, la investigación se llevó a cabo en el perímetro rural del municipio de Campo Formoso - Bahía. Y, en cuanto a los colaboradores de la investigación, eran un grupo de mujeres que viven en Limoeiro. Para la profundización teórica busqué fundamento en los siguientes autores: Minayo (2004), Souza (2006), Davis (2016), Gohn (2007; 2010), Hooks (2018), Tiburi (2018), Louro (1997), Pimenta y Lima (2004) entre otros. El estudio indicó que las discusiones sobre este tema necesitan permear todos los espacios y escenarios posibles, ya que se trata de cuestiones que involucran el bienestar y la calidad de vida, especialmente de las mujeres.

**PALABRAS CLAVE:** Empoderamiento femenino. Ruralidades feministas. Equidad de género.

**ABSTRACT:** This study aims to reflect the importance of female empowerment for the empowerment and strengthening, above all, individual, social and economic women. In this perspective, qualitative research was developed with the use of autobiographical narratives, from the activities developed in the internship in non-school spaces. The following instruments were used for data collection: observation and the logbook. Therefore, the research was carried out in the rural perimeter of the municipality of Campo Formoso - Bahia. And, with regard to the research collaborators, they were a group of women who live in Limoeiro. For the theoretical deepening, I sought foundation in the following authors: Minayo (2004), Souza (2006), Davis (2016), Gohn (2007; 2010), Hooks (2018), Tiburi (2018), Louro (1997), Pimenta (2004) among others. The study indicated that discussions about this theme need to permeate all possible spaces and scenarios, since these are issues that involve the well-being and quality of life, especially for women.

**KEYWORDS:** Feminine empowerment. Feminist ruralities. Gender equity.

## **Considerações sobre os papéis de gênero**

Levando em consideração o processo histórico, é possível perceber que desde a infância vamos aprendendo como determinar funções, tarefas, espaços e classificá-los como “coisa de homem e coisa de mulher”, sempre nos colocando em um posicionamento binário e dicotômico. Neste contexto, as mulheres são sempre consideradas como frágeis, indefesas e incapazes de serem autônomas (LOURO, 1997), sempre dependentes do estado, da igreja e do marido, sendo a elas atribuídos papéis domésticos, familiares e maternos, criando-se o preconceito de que o trabalho, ação responsável pela renda familiar, é função unicamente dos homens, que por sua vez possuem a inteligência, a razão, a capacidade de decisão (PERROT, 2001), sendo essa relação histórica de diferenciação consequência da desigualdade de gênero.

No entanto, é preciso ressaltar que as mulheres sempre desempenharam papéis significativos no que diz respeito à sobrevivência, sobretudo, familiar, exercendo funções desde as domésticas e maternas até as tarefas do campo que vão desde o plantio à colheita (CONTE, 2009), mas suas funções não eram restritas apenas ao fazer doméstico, há registros de participação das mulheres em inúmeros espaços de tomada de decisão, o que nos leva a pensar o quanto a voz das mulheres foi silenciada da escrita da história, atribuindo esse papel apenas aos homens (SCOTT, 1992). Quando nos referimos às mulheres em contextos rurais, é importante salientar que mesmo com a sua participação e desempenho na produção rural, o trabalho feminino acaba sendo, na maioria das vezes, desvalorizado e não possuindo o reconhecimento que merece (FARIA, 2009), principalmente pelos homens da família, na qual essa ação é vista não como trabalho, mas como auxílio ou complemento das atividades domésticas, reforçando o silenciamento e a desvalorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres.

Dito isso, apresentamos como inquietação para o estudo em curso a seguinte indagação: Qual a relevância do empoderamento feminino para a construção e/ou potencialização da autoestima, autonomia e independência pessoal, social e econômica das mulheres rurais? Nessa perspectiva, o presente estudo buscou compreender a importância do empoderamento feminino para a potencialização e o fortalecimento, sobretudo, individual, social e econômico das mulheres rurais.

Sabe-se que esse processo de empoderamento é desafiador, pois não é fácil romper com as relações de poder existentes na sociedade, uma vez que desde a nossa base familiar somos ensinadas acerca da dominação dos homens sobre as mulheres, dos privilégios masculinos que a eles culturalmente dão o poder de tomar decisões unilaterais, que na maioria das vezes afetam

a nós mulheres e a família, da superioridade, do controle e até mesmo do direito de utilizar da violência (BATLIWALA, 1994), admitido aos homens pelo patriarcado. Porém, precisamos suscitar a discussão, provocar o emergir do debate em torno de tais questões, para que possamos criar novas narrativas e formas de nos constituirmos enquanto mulheres nos múltiplos espaços de atuação. Fazer fissuras nas narrativas cristalizadas e tomadas como verdade é um passo importante no processo de tecer histórias das quais somos as protagonistas.

### Caminhos metodológicos

O presente estudo se caracteriza como pesquisa de caráter qualitativo, movido pelo interesse de buscar uma compreensão detalhada dos dados e informações apresentadas pelas colaboradoras da pesquisa. Com base nisso, optamos por essa metodologia, sobretudo, porque ela permite o aprofundamento e a complexificação do tema. A abordagem qualitativa preocupa-se em responder questões muito particulares, e, portanto, possibilita que aconteça uma análise aprofundada da realidade dos fatos, das relações e dos processos, o que resulta em uma compreensão minuciosa dos aspectos e questões relacionadas à temática (MINAYO, 2004).

O tipo de pesquisa utilizado neste estudo foi a narrativa autobiográfica. A pesquisa autobiográfica tem o intuito de formar elementos de análise que possibilitam a compreensão subjetiva de determinado indivíduo e/ou situação que esteja envolvido/a, permitindo trabalhar o passado e o presente de cada pessoa a partir das suas lembranças e experiências (SOUZA, 2006). Essas narrativas possibilitam que aconteça uma compreensão singular, e ao mesmo tempo universal, uma vez que a narração dos fatos presentes na história de um sujeito pode também fazer parte da história de vida de outros sujeitos.

Rios (2022, p. 28), salienta que as narrativas (auto)biográficas se apresentam enquanto importantes ferramentas de investigação no processo de formação, pois: “[...] evidenciam elementos da subjetividade dos sujeitos, suas trajetórias de formação e experiências de vida, fatores que têm desencadeado novas perspectivas inerentes a formação docente”. Dessa maneira, ressaltamos que a utilização desse método visa colaborar com os processos formativos em distintas áreas do conhecimento. No caso específico deste estudo, o mesmo método irá assegurar que as mulheres rurais possam discorrer acerca das suas vivências de empoderamento.

No que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, foi utilizado a observação e o diário de bordo. É pertinente destacar que os fatos ocorridos durante a observação precisam ser registrados o quanto antes no diário de bordo para que o/a pesquisador/a não esqueça ou

introduza elementos que não aconteceram (FALKEMBACH, 1987). Através dele, juntamente com a observação, que é outro instrumento pertinente na pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), foram coletadas informações para a reflexão e construção da minha análise de dados. A pesquisa foi realizada em Limoeiro, perímetro rural do município de Campo Formoso – Bahia e as colaboradoras do estudo foram algumas senhoras da comunidade.

Partindo dessa perspectiva, é pertinente ressaltar que, no que diz respeito às colaboradoras da pesquisa, optamos por atribuir nomes fictícios, para que sejam preservadas as suas identidades. Em vista disso, é importante preservar e garantir o anonimato das pessoas envolvidas na investigação, uma vez que no seu decorrer os/as colaboradores/as possam trazer informações que, de alguma forma, sejam capazes de comprometê-los/as (MINAYO, 2010). Portanto, durante as análises, irei chamar as colaboradoras da pesquisa por nomes de planetas, sendo eles: Vênus, Saturno e Marte.

### Estágio e formação docente

O estágio desenvolvido tanto em espaços escolares como em não escolares tem, sobretudo, a finalidade de proporcionar ao/à discente uma aproximação com a realidade de um grupo, ou até mesmo de uma comunidade (PIMENTA, 2012). Em vista disso, a partir do diálogo, o momento do estágio pode contribuir para que as pessoas possam refletir acerca do seu lugar e papel na sociedade (FREIRE, 2014), como também possibilita a emancipação dos indivíduos, a sua transformação pessoal e, por conseguinte, social.

Considerando que o estágio possibilita ao/à discente um contato mais direto com a sua área de estudo, é possível pensar esse período como uma oportunidade em que os/as professores/as em formação adquirem conhecimentos para a construção da sua identidade profissional (BARREIRO, 2006). Nesse sentido, durante as atividades de estágio, conseguimos ampliar e intensificar os saberes dos aspectos que foram trabalhados, sobretudo, nas aulas do componente curricular Estágio em Espaços não Escolares, uma vez que me possibilitou ver na prática como e onde a teoria se aplica.

No tocante ao estágio na formação docente, Pimenta e Lima (2004, p. 61) ressaltam que: “possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”. No decorrer do período formativo, os/as docentes vão construindo o seu conhecimento acerca das questões que envolvem os espaços educacionais, bem como recebem uma preparação para lidar frente aos desafios e às situações que emergem nesses espaços. A partir das vivências no momento do

estágio, o/a futuro/a educador/a constrói e reconstrói as suas concepções e a sua postura em relação à docência.

Ao considerarmos que o estágio é uma atividade que promove um processo de transformação da natureza e da sociedade (LIMA, 2012), é pertinente dizer que é também de extrema importância realizá-lo em espaços que tiveram o acesso dos processos de aprendizagem negado, por não se configurarem como espaços formais de educação. As experiências que obtive durante as atividades desenvolvidas foram suficientes para que eu pudesse enxergar a importância do estágio nos espaços não escolares, visando contribuir para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dessas pessoas que, na maioria das vezes, são colocadas à margem da sociedade.

Comumente, quando pensamos em estágio docente nos cursos de licenciatura, logo vem à tona a imagem da escola, a sala de aula e todo o aparato educativo inerente ao fazer educativo. Sobre isso, Rios (2020) argumenta que o estágio em espaços não escolares se configura como um importante momento de aprendizagem para os/as futuros/as professores/as, uma vez que acaba favorecendo que estes vivenciem práticas educativas em diferentes espaços, provocando os/as professores/as em formação a pensar a educação para além dos espaços escolares. Assim, é possível dizer que o referido estágio nos possibilita novos olhares quanto às práticas educativas não escolares.

### **Estágio em Espaços não Escolares: educação para além dos muros da escola**

Embora a educação seja comumente compreendida como o resultado das práticas educativas desenvolvidas em salas de aulas, esta não pode ser limitada apenas a esses espaços (BRANDÃO, 2013). Os conhecimentos, valores, hábitos dentre outros que adquirimos e compartilhamos com as nossas famílias e/ou com o contexto social no qual estamos inseridos também se configura como um tipo de educação, mesmo não acontecendo nas instituições de ensino e de maneira formal (GOHN, 2010). Logo, os espaços intitulados como não escolares ou espaços não formais como museus, bibliotecas, hospitais, associações também são ambientes produtores de conhecimento.

Partindo dessa perspectiva, compreendemos que os espaços não escolares são locais coletivos que possibilitam, de forma intencional, o compartilhamento de saberes, experiências e aprendizados entre as pessoas que os frequentam, mas que não têm uma educação sistematizada ou pré-estabelecida como nos espaços escolares (LIBÂNEO, 2010). É importante destacar que a educação nesses espaços não é norteada por professores/as como no contexto

escolar, isto é, a aprendizagem acontece de forma espontânea entre as pessoas, sem que haja a presença de um/a educador/a. Rios (2020) argumenta que nos espaços não escolares os/as responsáveis pelo processo educativo são os sujeitos envolvidos, não havendo necessariamente a obrigatoriedade de cumprir protocolos comuns em prática educativas escolares, como por exemplo: cumprir horários rígidos ou discutir assuntos decididos de maneira vertical.

Durante os encontros de estágio, mesmo sinalizando para as colaboradoras da pesquisa que estava passando por um período de estágio voltado para os espaços não escolares e encontrava-se cursando o 5º semestre da licenciatura em pedagogia, algumas delas já me viam como professora, como também, assim me chamavam. Diante disso, é possível perceber que mesmo sem essa apresentação, o fato de estar articulando, propondo e desenvolvendo atividades naquele espaço fazia de mim a docente (GADOTTI, 2005), reforçando a ideia tradicionalista de que somente existe educação e aquisição do conhecimento se algum professor/a estiver à frente do processo.

Ademais, no decorrer da oficina desenvolvida no dia 24/11/22, ao propor uma dinâmica de interação que consistia em todas as pessoas presentes realizarem gestos sinalizadores de afeto umas nas outras conforme o enredo do texto ia pedindo, ficou nítido a imagem do ser intocável que as pessoas carregam em relação ao/a docente. Embora ainda não tenha a formação, a concepção de que eu era a professora fez com que eu fosse excluída da maior parte da atividade, o cenário só mudou quando uma das colaboradoras fez o seguinte comentário: “Tô percebendo que ninguém tá fazendo as coisas nela. É pra fazer também, né (MARTE, 2022)?”. Nota-se, que enquanto alguém não disse que era permitido e sinalizou a minha participação na interação, as pessoas não se dirigiram até mim, foi necessário dar “permissão” para que elas entendessem que podiam me tocar e vir até mim.

Ao falarmos de estágio em espaços não escolares, muitos aspectos devem ser considerados, sobretudo, a adequação das atividades à realidade dos sujeitos que nele estão envolvidos (GOHN, 2007). Não se pode perder de vista que esses espaços são formados por pessoas que possuem responsabilidades dentro de uma rotina cansativa, principalmente se tratando de mulheres, que foi o público alvo do meu estágio. Nesse sentido, para melhor atendê-las, em alguns momentos as atividades precisaram sofrer alterações. Como todas elas eram donas de casa e tinham demandas domésticas e/ou maternas, houve a necessidade de adaptação no horário e no caso de a oficina do dia 10/11/22 continuar em outro dia.

Conforme ressalta Dubar (1997, p. 29), a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. Em cada oficina

desenvolvida a partir do estágio, tivemos a oportunidade de construir e reconstruir nossas identidades, no entanto, é importante ressaltar que essa reconstrução não se deu de maneira tranquila, foi necessário rememorar nossas histórias, compreendermos quem somos de fato, em nossas multidimensões.

Os diálogos, as socializações, as orientações das pessoas que ficaram à frente da instrução da oficina da culinária e do artesanato, contribuíram para que pudéssemos adquirir novas maneiras de pensar e agir enquanto pessoa e coletivo, bem como, possibilitou a oportunidade dessas mulheres compartilharem um pouco do seu trabalho com a sociedade, ao mesmo tempo em que faziam um exercício de autoconhecimento de quem somos de fato: mulheres da roça, que buscam, por meio do empoderamento feminino, reconstruir suas próprias histórias.

Dessa maneira, entendemos que os momentos de discussões, sobretudo nos espaços não escolares, são essenciais para promover o acesso ao conhecimento de questões pertinentes às vivências das mulheres em suas individualidades, bem como, as experiências socializadas em comunidade. Nesse sentido, visando refletir junto com as mulheres sobre autonomia e consciência das relações de poder, os diálogos acerca do empoderamento feminino durante as atividades de estágio foram indispensáveis. Em vista disso, é preciso que as universidades se preocupem ainda mais com a educação nesses espaços, uma vez que, para além do âmbito escolar, existem pessoas que necessitam conhecer o mundo e os debates à sua volta.

### **Empoderamento feminino: reflexões necessárias**

Nas últimas décadas, o movimento em torno do empoderamento feminino vem ganhando cada vez mais visibilidade em diferentes países, dentre eles o Brasil. A emancipação individual e coletiva das mulheres é um dos atributos que nós historicamente temos lutado para alcançarmos. Para nós que estamos engajadas na pauta da equidade de gênero, o empoderamento feminino trata-se de um mecanismo que coadjuva para o avanço da liberdade, no qual as mulheres individual e coletivamente possam tomar decisões e fazer escolhas sem serem vítimas da opressão de gênero.

Comumente, as mulheres residentes no perímetro rural são vistas como pessoas ignorantes e sem conhecimentos, atrasadas cultural e socialmente, que pelo lugar onde residem terão sempre que ocupar o espaço de servir e não de serem servidas (PERROT, 2007). É notório que a ausência do acesso ao conhecimento e às informações impossibilita ainda mais o

desenvolvimento da autoconfiança, autonomia, independência, bem como contribui para que elas permaneçam nesse lugar de inferioridade que historicamente foram colocadas.

O empoderamento, sobretudo de mulheres rurais, não é positivo para aqueles que desejam manter o patriarcado, as injustiças, as desigualdades sociais e de gênero (LERNER, 2019). Logo, é mais conveniente garantir que as “minorias” não tenham acesso a informações que propiciem o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, assim os sistemas de opressão serão preservados. O conhecimento é fundamental para nos libertarmos das amarras da opressão de gênero que nos prendem (TIBURI, 2018), e, por isso, o entendimento para nós mulheres sempre foi inviabilizado ou limitado. Assim, nos articularmos no sentido de promover iniciativas de formação que assegurem às mulheres, em suas distintas realidades sociais, instrumentos de autonomia e empoderamento se constitui enquanto um desafio a ser superado por todos/as nós.

É importante ressaltar que, ao contrário do que muitos/as pensam, o empoderamento feminino não procura fomentar a superioridade das mulheres sobre os homens, mas sim desnaturalizar a predisposição para a servidão atribuída a nós mulheres desde o nascimento, por meio de práticas sociais machistas e misóginas, que tentam a todo custo nos diminuir (TIBURI, 2018). Reconhecer-se como sujeito de direitos, compreender a importância de se posicionar e expressar livremente frente às situações, ocupar espaços na sociedade que por muito tempo foram inacessíveis e até proibidos para nós mulheres, nada disso está relacionado a superioridade e sim a liberdade. Liberdade que o sistema conservador nunca quis que tivéssemos.

### **Ruralidades feministas: refletindo sobre as vivências de mulheres rurais**

Historicamente, as mulheres, sobretudo as rurais, tiveram direitos e oportunidades negadas, bem como foram impossibilitadas de adentrar em alguns espaços e desempenhar papéis, como a participação política e o exercício da cidadania (OLIVEIRA, 1999). Não se pode perder de vista que, por muito tempo, “ser da roça” era visto, e ainda continua sendo, por muitos/as como algo ruim ou vergonhoso, nos colocando em lugares tidos como de menor valor social e cultural. Comumente, este espaço e as pessoas que nele residem não têm significância para a sociedade, tudo o que é produzido por eles/as é colocado em dúvida ou é considerado irrelevante. A roça não é pensada enquanto território de produção de conhecimento, de cultura, de sentidos e significados, a esse território é atribuído apenas o lugar de produção de alimentos,

sendo inclusive desconsiderado todos os processos de subjetivações de gênero, raça, etnia, dentre outros.

Ao falarmos das desigualdades de gênero, podemos dizer que são decorrência da estrutura social patriarcal que, por vezes, dá continuidade às práticas machistas, sexistas, preconceituosas e homofóbicas presentes cotidianamente em nossas vidas. No tocante às ideologias tradicionais e conservadoras adotadas pela sociedade que contribuem para o prosseguimento de preconceitos e discriminações, a colaboradora Vênus (2022) relatou: “Fui tirar a habilitação e me perguntaram pra que eu queria se eu era mulher e não tinha oportunidade”.

Nesse cenário, é possível perceber que, mesmo no século XXI, ainda há uma resistência em aceitar, sem questionar, as escolhas das mulheres. Embora, por um tempo, elas precisassem de homens para dirigir e levá-las aos locais escolhidos, percebemos que para algumas isso não é mais necessário. Todavia, mesmo com a possibilidade de aprenderem a dirigir e adquirirem seu próprio meio de transporte, a sociedade ainda polemiza e associa essa prática ao masculino. O comentário direcionado a essa mulher também reforça a ideia de que as pessoas da roça, principalmente as mulheres, não precisam e não podem possuir bens materiais.

Desde criança somos educadas para sermos subservientes às figuras masculinas, desde os nossos pais até os nossos parceiros que, por sua vez, tomam todas as decisões, até mesmo as que cabem somente a nós (HOOKS, 2018). Essa relação de poder advém, acima de tudo, do machismo estrutural que fundamenta a subjugação da mulher como sendo inferior ao homem, sendo esse um dos pretextos utilizados para alcançar submissão e domínio (SCOTT, 1995). O silenciamento e a opressão das mulheres são resultados dessas relações.

Partindo dessa perspectiva, a colaboradora Saturno (2022) ressaltou: “Eu trabalhava, mas quem recebia o salário era ele, quando acabava ele gastava todo o dinheiro com cachaça e mulher e nem me dava satisfação”. Em consonância ao que foi descrito, percebemos o nível de subordinação que nós mulheres somos condicionadas a ter nas nossas relações, bem como, a presença da cultura do silenciamento existente nos relacionamentos abusivos. Observem que mesmo trabalhando, essa mulher não tinha sequer a chance de receber o pagamento, tampouco de questionar ou saber pelo marido como e/ou onde o seu dinheiro foi empregado. Logo, a relação social de poder desigual resulta em práticas abusivas como a dominação, na qual, quase sempre, a pessoa subordinada é a esposa.

De sexo frágil, indefesa e inferior a mulher não tem nada. Embora, por muito tempo, fomos obrigadas a acreditar nessa falácia, dia após dia temos lutado para desconstruir esses

estereótipos que incitam a misoginia, o sexismo, o machismo que estão impregnados na sociedade. A educação pautada na opressão, submissão, inferioridade que muitas de nós recebemos, principalmente quem reside no perímetro rural, onde a perspectiva de vida é o casamento e a maternidade, precisa ser ultrapassada. Precisamos continuar sendo força e resistência.

### **Equidade de gênero: uma luta por justiça**

Percebemos que, desde cedo, os homens têm a predileção para estar à frente dos negócios e serem bem-sucedidos, enquanto as mulheres são meramente ensinadas e responsabilizadas pelos afazeres domésticos e maternos (FARIA; NOBRE, 1997). Se pararmos para pensar, de forma consciente ou inconsciente, estamos a todo momento sendo preparadas para desenvolver atividades ligadas ao lar e a família. É comum, na infância, recebermos brinquedos como itens de cozinha e bonecas e, em contrapartida, os meninos recebem carros, itens de marcenaria, dentre outros, voltados para o trabalho fora de casa.

Mesmo considerando todos os avanços que tivemos ao longo dos séculos no que diz respeito aos direitos femininos, percebemos que ainda há uma delimitação de espaços nos quais as mulheres possam atuar (BIROLI, 2018). É notório que embora o intuito seja alcançar uma sociedade equânime, que promova um tratamento justo entre as pessoas, na qual homens e mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades e direitos de forma proporcional, ainda há uma resistência em desconstruir tabus e estereótipos, sobretudo, no ambiente familiar.

As expectativas criadas pela sociedade em relação aos comportamentos, sobretudo das crianças, são muitas. Exige-se que as garotas sejam delicadas, obedientes, sentimentais e, os garotos, o oposto disso. Consequentemente, as pessoas que não se enquadram ou fogem do padrão heteronormativo, considerado ideal, são excluídas, como também acabam sendo vítimas do preconceito e da violência.

Não se pode perder de vista que, diferente do conceito de igualdade, a equidade não parte da concepção de que as pessoas precisam somente ter as mesmas oportunidades, caindo no equívoco de dizer que somos “todos” iguais. É necessário pensarmos a partir dos diferentes contextos, uma vez que, no decorrer dos séculos, o acesso ao conhecimento e às oportunidades encaminhou-se de maneiras e ritmos distintos para alguns/mas na sociedade (DAVIS, 2016). Nessa conjuntura, pensando na perspectiva da equidade de gênero, para que todos/as alcancem os mesmos resultados, é essencial que, para além das mesmas oportunidades, se propiciem

recursos que tornem o percurso mais justo para aquelas pessoas injustiçadas e prejudicadas no processo.

### **Considerações finais: continuar é preciso!**

As discussões realizadas no decorrer da pesquisa resultaram em dados e informações fundamentais para o meu estudo no tocante às mulheres e ao perímetro rural. Nesse ensejo, é relevante ressaltar a importância das experiências proporcionadas pelo estágio para a formação docente, tanto para a construção da identidade pessoal como profissional dos/as futuros/as pedagogos/as (LIMA, 2008). A partilha de saberes, experiências e aprendizados no percurso das atividades de estágio permitiram expandir e aprofundar os meus conhecimentos e horizontes sobre a perspectiva de gênero e as ruralidades feministas.

Em vista disso, a escolha dos recursos, que viriam a ser utilizados durante as atividades, foram essenciais para que elas não deixassem de ser lúdicas e que o conhecimento fosse construído, mas não de uma maneira monótona como normalmente acontece na educação em espaços escolares. Nesse sentido, ter pensado em uma didática que favorecesse a aprendizagem, ao mesmo tempo que permitia às pessoas se sentirem parte daquele espaço e processo, contribuiu positivamente para que os objetivos do projeto fossem alcançados.

Por seu turno, as oficinas promoveram reflexões e debates importantes a partir das histórias de vida, saberes pessoais, locais e concepções de beleza das colaboradoras da pesquisa. Conhecer as suas lutas enquanto mulheres e residentes da comunidade rural me possibilitou perceber, ainda mais, a relevância do empoderamento para a construção da autonomia, autoestima e independência. Empoderar-me junto a elas nesse processo foi excepcional para a minha formação como profissional e pessoa.

Conclui-se, preliminarmente, que os diálogos acerca dessa temática precisam permear todos os espaços e cenários possíveis. Não podemos mais permitir que as mulheres permaneçam sem ter acesso ao conhecimento das questões que envolvem o seu bem-estar e qualidade de vida. Quando se trata das mulheres rurais, tal cenário é ainda mais preocupante, pois, como vimos no decorrer do trabalho, além das dificuldades subsequentes da desigualdade de gênero, elas enfrentam também percalços em virtude das condições sociais. Diante dessas premissas, refletir próximo à comunidade rural feminina se fez importante e necessário.

No mais, pretendo aprofundar os meus estudos sobre a temática com a finalidade, sobretudo, de dar continuidade a luta voltada para a construção de uma sociedade mais justa, sensível e humana. Consoante a isso, a educação ainda é a nossa melhor ferramenta para romper

com a cultura da opressão, violência e dominação que nós mulheres somos sujeitadas. Em suma, as discussões e reflexões acerca do empoderamento feminino e da equidade de gênero contribuem para a desnaturalização da servidão e descontinuação de práticas machistas, sexistas e discriminatórias existentes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Práticas de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. *In*: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (eds.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1994.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CONTE, I. I. Retalhos de História das Mulheres Camponesas. **Revista Semina**, v. 8, n. 2, 2009.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade: Em A socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**, n. 7, 1987. Disponível em: [http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/silvana.marinho/disciplina-instrumentos-e-tecnicas-de-intervencao/unid-2-instrumentos-de-conhecimento-intervencao-e-registro/texto-7-falkembach-elza-maria-fonseca-diario-de-campo-um-instrumento-de-reflexao-in-contexto-e-educacao-no-7-jui-inijui-1987/at\\_download/file](http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/silvana.marinho/disciplina-instrumentos-e-tecnicas-de-intervencao/unid-2-instrumentos-de-conhecimento-intervencao-e-registro/texto-7-falkembach-elza-maria-fonseca-diario-de-campo-um-instrumento-de-reflexao-in-contexto-e-educacao-no-7-jui-inijui-1987/at_download/file). Acesso em: 17 out. 2022.

FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. *In*: BUTTO, A. (org.). **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília, DF: MDA, 2009.

FARIA, N.; NOBRE, M. (org.). **Gênero e desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. *In*: DROIT À L'ÉDUCATION: SOLUTION À TOUS LES PROBLÈMES OU PROBLÈME SANS SOLUTION? 2005, Sion. **Anais [...]**. Sion: Institut international des droits de l'enfant, 2005.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2007.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa tempos, 2018.

LERNER, G. **A Criação do Patriarcado**: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos: para que?** São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2008000100012&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2008000100012&script=sci_abstract). Acesso em: 17 out. 2022.

LIMA, M. S. L. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília, DF: Líder Livro, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença**: o feminino emergente. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PERROT, M. **Minha história de Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação do Professor**: unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

RIOS, P. P. S. Estágio docente em espaços não escolares: narrativas de formação no curso de pedagogia. **Revista Debates em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 213-231, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/debateseducacao/article/view/10213/pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

RIOS, P. P. S. **O estranho que habita em mim**: subjetivações de gênero na educação. Curitiba, PR: CRV, 2022.

SCOTT, J. História das mulheres. *In*: BURKE, P. (org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SOUZA, E. C. S. (org.). **Autobiografias, Histórias de vida e Formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS; Salvador, BA: EDUNEB, 2006.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

### **CRedit Author Statement**

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Ressaltamos a pesquisa respeitou todos os procedimentos éticos, contudo não passou pelo comitê, tendo sido assinado o Termo de Livre Esclarecido e Consentido – TLEC, pelas participantes, que se encontra com os responsáveis pela pesquisa.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados coletados durante a pesquisa, inerentes às entrevistas, foram digitados e posteriormente apresentados às participantes e estão sob a responsabilidades dos responsáveis pela pesquisa.

**Contribuições dos autores:** Os pesquisadores participaram efetivamente na construção do texto, bem como no processo de coleta de dados, não havendo uma separação entre os dois, na construção de toda pesquisa.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

